

VIGOTSKY E A PÓS-MODERNIDADE: APROXIMAÇÕES E PONTOS SIMILARES DA PERSPECTIVA DE LEV VIGOTSKY NO PENSAMENTO PÓS-MODERNO E SEU PATAMAR TERAPÊUTICO

VIGOTSKY AND POSTMODERNISM: APPROXIMATIONS AND SIMILAR POINTS OF LEV VIGOTSKY'S PERSPECTIVE ON POSTMODERN THOUGHT AND THERAPEUTIC LANDING

**DANIELA
WLADISLAWOSKI**

*Bacharel de artes em
psicologia pela Universidad de
las Americas A.C.
Grupo Campos Elíseos
Cidade do México, México*

RESUMO: Este artigo tem como intenção evidenciar a aproximação e os pontos similares da teoria proposta pelo teórico russo Lev Semionovich Vigotsky e a proposta pós-moderna, especificamente a seu patamar terapêutico na terapia narrativa e na terapia colaborativa. A análise será feita através de uma breve moldura histórica da vida de L.S. Vigotsky, seguindo a sua proposta teórica, em particular as contribuições referentes à consciência, à linguagem, ao pensamento, à palavra e ao significado da mesma, bem como ao conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal. Por outro lado, serão expostas, de maneira geral, as premissas abordadas pelo pensamento pós-moderno relacionadas com a linguagem, a construção da identidade e a importância da vida relacional. Da mesma maneira, aborda-se o patamar terapêutico do pensamento pós-moderno na terapia colaborativa, especificamente nas ideias de conversação, diálogo interno e expressões do não-dito; e por outro lado o patamar da perspectiva pós-moderna na terapia narrativa, abordando a ideia da existência de histórias alternativas e o recurso narrativo de conversas de andaime.

PALAVRAS-CHAVE: Vigotsky, pós-modernidade, linguagem, consciência, Zona de Desenvolvimento Proximal, Terapia Colaborativa, Terapia Narrativa, Conversas de Andaime

ABSTRACT: The following article intends to expose how similar the propositions brought forth by Russian theorist Lev Semionovich Vigotsky are to our post-modern propositions, namely Narrative and Collaborative Therapy. This will be analysed through a brief historical context on the life of L.S. Vigotsky, following his theoretical proposition, particularly when it refers to conscience, language, thinking, words and their meanings, as well as the concept of the Proximal Development Zone. On the other hand, it will generally expose these post-modern premises as they relate to language, the construction of identity and the importance of relationships in life. It will also deal with post-modern thinking through Collaborative Practices, specifically dealing with conversation, internal dialogue and expressing what is unsaid; as well as landing the post-modern perspective through Narrative Therapy, dealing with the existence of alternative storytelling and the resource of narrative within Scaffolding Conversations.

KEYWORDS: Vigotsky, postmodern, language, conscience, Proximal Development Zone, Collaborative Therapy, Narrative Therapy, Scaffolding Conversations

O indizível só me poderá ser dado através da linguagem

CLARICE LISPECTOR

Tradução de Rodrigo Peixoto.

UM POUCO DE HISTÓRIA...

Estou, há alguns anos, imersa nas ideias que o construcionismo social nos oferece, sobretudo nas mais próximas ao trabalho de Harlene Anderson. Esta aproximação possibilitou que eu estivesse presente em diversas oficinas referentes a tais

Recebido em: 15/08/2013
Aprovado em: 15/10/2013

ideias, bem como tomar parte, nos últimos quatro anos, da organização do Instituto de Verão de Práticas Colaborativas, organizado pelo Grupo Campos Elíseos e pelo Instituto Houston Galveston, encontro que acontece todos os anos, no mês de junho, em Playa del Carmen, no México. Esse encontro tem a intenção de convocar a comunidade acadêmica interessada em ideias pós-modernas, especialmente no enfoque colaborativo, a passar uma semana intercambiando ideias, trabalhos e novos entendimentos sobre estas práticas. Neste espaço, tive a oportunidade de conhecer uma colega colombiana que me inspirou a estudar durante sete meses no seu país. Uma das matérias cursadas nesse período chamava-se: “História, cultura e Vigotsky.” Tendo estudado apenas um pouco de Vigotsky numa aula da universidade, as terapias pós-modernas, nas quais já incursionara mas muito pouco, pareciam, para mim, ter uma grande influência desse autor. Desde as primeiras ideias que escutei de Lev Vigotsky, fiquei realmente curiosa, querendo conhecer mais sobre este autor polêmico e vanguardista. Foi então que pensei em poder tecer as ideias de Vigotsky, especificamente as referentes à linguagem, ao pensamento e à palavra, bem como a maneira como as terapias pós-modernas são por elas influenciadas, já que, quando começo a história desse artigo, menciono que ela é um pouco curiosa e, ao mesmo tempo, deriva de circunstâncias. Isso acontece porque, ao mesmo tempo em que mergulhava e entrava cada vez mais nas ideias das terapias pós-modernas (e continuo seguindo o seu curso), estudava Vigotsky (com quem também continuo aprendendo). E tudo isso, a maneira como tais ideias estão entrelaçadas, me pareceu uma espécie de baile bem azeitado. De al-

guma maneira, também me pareceu, e continua parecendo, realmente importante evidenciar tais compreensões.

UM POUCO DE CONTEXTO...

Lev Seminovich Vigotsky nasceu no dia 5 de novembro de 1896, no povoado de Orsha, na Bielorrússia. Com um ano de idade, mudou-se com a família para Gomel, cidade vizinha a Chernobyl, localizada no interior do enorme gueto onde deveriam morar os judeus, na periferia ocidental do império russo.

Graças à sua inteligência prodigiosa, entrou no estudo secundário, no qual apenas 10% dos alunos podiam ser judeus. Por ter se destacado e se apaixonado por tais estudos, decidiu entrar na faculdade, matriculando-se no curso de medicina, no qual ficou por pouco tempo, pois, sendo judeu, não poderia pertencer a nenhum serviço hospitalar profissionalmente nem dedicar-se à academia. Então decidiu estudar direito. Além de matricular-se na universidade oficial, seguiu também a carreira de humanidades na faculdade de história e filologia da Universidade Popular A.L. Shanyavskii, na qual fez alguns cursos de psicologia, seus primeiros e únicos, pois, a partir de então, todos os seus estudos da disciplina foram autodidatas.

Em sua curta vida, dedicou um tempo à docência, organizou círculos literários, fundou um laboratório de psicologia experimental e foi presidente do maior instituto de educação especial da URSS. Além disso, deixou mais de duzentos escritos no âmbito da psicologia, entre eles, obras primas como *A psicologia da arte e Pensamento e linguagem*, para destacar apenas algumas, bem como mais de cem escritos no campo da literatura, vindo a morrer em 1934, com apenas 38 anos,

por conta de uma tuberculose invasiva. A sua obra permaneceu proibida durante 20 anos, desde 1936, pois, mesmo não pertencendo ao Partido Comunista, simpatizava com as ideias marxistas. Somente em 1956, os seus escritos começaram ser publicados, muito gradualmente, tendo sido auxiliado por seu colega Alexander Luria (1902-1977). Luria foi um dos neuropsicólogos mais importantes da época, mas sempre dizia que não teria conseguido nada profissionalmente sem a influência de Vigotsky em sua vida.

Vigotsky morreu no dia 10 de junho de 1934, e, em seus últimos meses de vida, ditava a uma taquígrafa os últimos capítulos de sua obra considerada a mais bela, chamada *Pensamento e palavra*. O velório foi realizado no Instituto de Educação Especial de Moscou, e ele está enterrado no panteão do convento principal, junto aos artistas e escritores mais prodigiosos da época, como Antón Tchekhov. Hoje, na maior parte das faculdades de psicologia e pedagogia do mundo, ensina-se a perspectiva de Vigotsky, embora de maneira não muito profunda, nos estudos de licenciatura. Algumas faculdades oferecem a matéria de Vigotsky como eletiva. É importante pensarmos se isto ocorre pelo fato de a sua validade teórica não ser suficientemente forte ou se a sua permanência histórica não esteve tempo suficiente à luz.

PERSPECTIVA VIGOTSKYANA

Vigotsky teve importante influência no pensamento e na concepção que temos da psicologia. Autores como Jerome Bruner afirmam que, “voltando a examinar o seu trabalho, depois de muitos anos sendo inspirado por ele, creio que Vigotsky oferece o estímulo ainda necessário para encon-

trarmos a maneira de compreender o homem como produto, ao mesmo tempo, da cultura e da natureza” (Bruner, 1985). A primeira questão que surge, e pela qual Vigotsky é realmente criticado, é que ele minimizou as perspectivas biológicas e individuais para falar unicamente da construção do indivíduo através da cultura, mas não é bem assim, “isso não acontece de maneira alguma, muito pelo contrário, pois é possível que tenha sido Vigotsky um dos psicólogos que mais se preocuparam e mais bem explicaram a complexa dialética entre o biológico, o psíquico e o social no qual a pessoa vai se moldando” (Temporetti, 2007, p. XC). Outra ideia muito difundida, que impede grande parte da compreensão de sua obra, é ler L.S. Vigotsky como um mero psicólogo do desenvolvimento, o que, em parte, é verdade, pois ele aportou novas ideias e conceitos sobre o desenvolvimento da criança e sobre a maneira como se pensa a maneira como a linguagem é interiorizada.

Podemos ler Vigotsky de dois pontos de vista diferentes: científico e ensaísta. Ainda que o seu estilo possa acabar sendo realmente exaustivo, a sua obra nos abre a possibilidade de lê-lo de uma perspectiva literária, onde o autor destila suas ideias e interpretações sem abrir mão do rigor, mas matiza o dogmatismo dos que se creem donos das palavras finais. Vigotsky, como ensaísta, expõe a necessidade de dizer algo mais do que dizem os dados, mas toma os dados como referência.

Portanto, essa maneira de ler Vigotsky, tanto científica como em forma de ensaio, está ligada a uma intenção e uma proposta referentes à maneira como ele abordava a vida, e como a sua perspectiva teórica formava parte do seu próprio ser, sem nunca deixar de lado uma intenção científica.

Por outro lado, um aspecto fundamental no qual incursionou Vigotsky, e que também sustenta grande parte da sua mudança paradigmática, é aquele no qual propõe uma nova forma de compreender a consciência. Wertsch (1988) relata como Vigotsky opõe-se abertamente à noção clássica de consciência como um constructo científico, no qual o estudo da psicologia humana só era possível baseando sua compreensão na análise dos reflexos e da soma deles. Aliás, havia, na época, dois polos para poder compreender o significado ou talvez a existência da consciência. Um que passava pelo método behaviorista, compreendendo o sujeito como receptor passivo de estímulos e operador em resposta aos mesmos. Outro, no polo oposto, no qual a única maneira de atingir a consciência era através da introspecção, o que gerava uma leitura, segundo Vigotsky, realmente subjetiva.

É notório como Vigotsky busca proporcionar uma explicação científica da consciência humana, entendida como uma unidade em contínua mudança e transformação, indivisível e cujas distintas funções encontram-se interconectadas. Seguindo com a ideia das conexões feitas pelo autor, Wertsch (1988) propõe que o pensar e o falar são, por sua vez, processos vivos, interconectados, e cuja compreensão abre uma nova porta à psicologia em direção à consideração da linguagem como um acúmulo de processos vivos em constante transformação.

Seguindo com essa ideia da linguagem, podemos compreender a profunda mudança epistemológica que propõe Vigotsky e somos levados a questionar, da mesma maneira, uma mudança de perspectiva referente à dialética entre o social e o individual, ao contrário de outras perspectivas, como a visão individualista, que pro-

põe que as funções mentais encontram-se em sua totalidade no indivíduo, ou seja, estão terminadas antes da interação com o outro, e é na sua interação social onde se utilizam e se desenvolvem, ou então, quando apresentam um mal funcionamento, elas se inibem. No entanto, as investigações de Vigotsky demonstraram que, a partir da interação com o outro, a possibilidade de reflexão é gerada, e, neste processo, as funções se desenvolvem, e nessa dinâmica o indivíduo se retroalimenta e se constrói.

Na mesma linha, podemos compreender que é impossível falar de interação sem incluirmos a linguagem como um componente na relação e na construção com o outro. Aliás, a perspectiva que articula o trabalho de Vigotsky é a dimensão que faz da linguagem o eixo para a interação.

Segundo as investigações de Vigotsky e seus colegas Alexander Luria e Aleksei Leontiev, a proposta radica que “o pensamento e a palavra não estão relacionados entre si através de um vínculo primário. Esta relação surge, altera-se e cresce no transcurso do próprio desenvolvimento do pensamento e da palavra” (Vigotsky, 1982, p. 287). Ou seja, o processo de pensamento e linguagem é uma relação dinâmica e em constante alteração, segundo o qual a pessoa se desenvolve no mundo, e este processo é mutante e está em constante crescimento. Da mesma maneira, explica de uma forma mais profunda que vínculo une estes dois processos, por meio do qual dialogam o pensamento e a palavra, e este vínculo é o significado da palavra. Vigotsky (1982) comenta que pode-se considerar o significado como um fenômeno de pensamento, não como algo meramente externo a ele. É no próprio significado onde a mensagem adquire sentido, como se a palavra

fosse unicamente um contêiner de significado, que por sua vez, segundo a sua carga social, encontra-se em constante mudança de conotação, tendo em conta o lugar onde se encontra e a maneira como é utilizada. Ele defendeu, também, que o conteúdo e a significação das palavras varia segundo o contexto e o momento histórico, dando início à trajetória que tenta culminar na explicação da grande influência da linha histórico-cultural do desenvolvimento, explicando também que não somos unicamente seres individuais desenvolvendo-se de maneira interna, e que a maneira que nos desenvolvemos tem a ver com a interação social.

É importante entender que o pensamento e a palavra, ainda que sejam processos interrelacionados, não são a mesma coisa nem foram “cortados com a mesma tesoura”. Muito pelo contrário, como diz uma das frases mais famosas de Vigotsky, utilizada pelos grandes linguistas: “O pensamento não se manifesta na palavra, mas nela culmina” (Novoa, 2010).*

É por isso que, ainda na perspectiva da linguagem, é pertinente enfatizar a descrição e a diferença proposta por Vigotsky referente à *linguagem interna* e o papel que ela representa no pensamento. Segundo alguns teóricos do desenvolvimento, a linguagem interna ou egocêntrica é um processo de linguagem para si mesmo, onde a criança adquire a linguagem enquanto fala consigo mesma, o que deve desaparecer com o tempo, especialmente a partir do desenvolvimento de formas de linguagem mais sofisticadas. Para Vigotsky, porém, a linguagem interna ou egocêntrica ri-se por uma curva ascendente, não descendente, onde “...o seu desenvolvimento não constitui uma involução, mas sim uma verdadeira evolução” (Ibid, p. 310).

O fato da *linguagem interna* não exigir interlocutores para ser escutada pelo próprio sujeito não significa que nunca seja necessário comunicá-la em voz alta pois, como dito anteriormente, a sua intenção não é comunicativa, mas de alguma maneira essa linguagem foi interiorizada através de intenções comunicativas de outros interlocutores.

Para finalizar, eu gostaria de expor um último conceito-chave que nos influenciou de maneira direta e que é utilizado hoje em dia na psicoterapia, trata-se do famoso conceito vigotskiano da *Zona de Desenvolvimento Proximal*, que o próprio Vigotsky define como: “O nível de desenvolvimento real da criança tal e como pode ser determinado a partir da resolução independente de problemas, e o nível mais elevado do desenvolvimento potencial tal e como é determinado pela resolução de problema sob a supervisão de um adulto ou em colaboração com seus iguais melhor capacitados (Vigotsky, 1978, p. 86)**”, isto quer dizer que a criança está num nível de desenvolvimento, mas que existe outro nível em potencial que ela poderá alcançar. O espaço entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial é a *Zona de Desenvolvimento Proximal*, ou seja, o espaço onde a criança deve transitar para atingir o seu desenvolvimento ótimo. É pertinente esclarecer que a zona de desenvolvimento potencial mantém-se em constante avanço, ou seja, o nível de desenvolvimento potencial continuará avançando de maneira constante, não unicamente na infância, mas sobretudo ao longo da vida. Por outro lado, Vigotsky menciona que a criança não transita por essa região sozinha, mas sim em conjunto com um educador que tem um papel fundamental no processo (Vigotsky o

* Aula da professora Marlene Novoa, na faculdade de psicologia da Universidade Javeriana de Bogotá. Setembro de 2010.

** Extraído de Werstch, 1988.

chama de mediador social), e é ele quem transita junto à criança e a “bali-za” em sua trajetória na *zona de desenvolvimento proximal*.

A teoria vigotskiana é realmente extensa, mas neste artigo abordamos unicamente, e de maneira geral, três eixos teóricos para a sua comparação e possível influência no pensamento e nas terapias pós-modernas. Por um lado temos a concepção de consciência, por outro a perspectiva sobre a linguagem, e por último a Zona de Desenvolvimento Proximal, ideias que em seu momento foram realmente revolucionárias e que são, ainda hoje, muito avançadas em certos campos da psicologia.

PÓS-MODERNIDADE E TERAPIAS PÓS-MODERNAS

O pensamento pós-moderno nos abre, em nossos tempos, uma possibilidade de compreender a realidade de uma perspectiva onde considera-se que a identidade não é algo estático, mas sim em constante alteração e criação ao longo de nossas vidas, e tal transformação é em grande parte derivada das relações estabelecidas com os outros, da relação com o meio ambiente, bem como das conversas geradas através destas relações. Por isso, podemos compreender a linguagem do ponto de vista de uma lente relacional e de por que nos encontramos numa constante evolução através das palavras, significados, conversas e relações.

Todos sabemos que, a partir do último quarto de século, surgiram maneiras de pensar a psicoterapia, e neste caso abordaremos as terapias pós-modernas, que expressam uma nova maneira de entender o conhecimento e a identidade. Tais ideias abordam a prática psicoterapêutica como um processo conversacional, onde criamos e

recriamos de maneira constante narrativas sobre a própria vida. Harlene Anderson (1997), criadora, junto a Harold Goolishian, da Terapia Colaborativa, uma das terapias pós-modernas, em seu livro “Conversação, Linguagem e Possibilidades” refere-se à conversa como “um dos aspectos mais importantes da vida. Todos mantemos uma conversa constante com os outros e com nós mesmos. Através da conversa formamos e reformamos nossas experiências vitais; criamos e recriamos nossa forma de dar sentido e de compreender; construímos e reconstruímos nossas realidades e nós mesmos” (Anderson, 1997).

Por outro lado, dentro das práticas pós-modernas, temos a Terapia Narrativa, que em questão de psicoterapia é evidentemente uma das expressões práticas de pensamento pós-moderno, já que, mantendo-se na linha da compreensão referente à importância da linguagem, a Terapia Narrativa nos permite entender ao mesmo tempo o valor, o significado e a importância das histórias, e também como elas influenciam de maneira direta a percepção do sujeito com respeito à sua identidade, tanto individual quanto cultural. White e Epston (1993) consideram que as pessoas enfrentam dificuldades quando vivem com “histórias dominantes” que estão “saturadas de problemas”. Estas histórias dominantes são restritivas, não abarcam partes importantes da existência das pessoas e/ou as levam a conclusões negativas sobre a própria identidade.

Tom Andersen (1990), reconhecido terapeuta narrativo que também fez grandes aportes a este modelo terapêutico, expõe uma distinção no campo da psicoterapia ao entender este exercício como a busca de uma descrição e interpretação do problema mais proveitosa se comparada à que o cliente tinha

antes de acudir à terapia, e menciona que os terapeutas narrativos, ou pós-modernos, tentam criar, junto com o consultante, um novo contexto no qual o cliente possa viver melhor.

Um dos recursos terapêuticos que a terapia narrativa nos oferece são as chamadas *Conversas de Andaime*, e tal recurso é explicado como a brecha entre o que as pessoas que procuram um terapeuta já sabem com respeito às suas vidas, recursos e potenciais próprios, além do que resulta familiar nelas mesmas, e a diferença com o que pode ser visto como algo novo, ou seja, como um novo saber sobre elas mesmos, seus recursos, potenciais etc. White (2007) baseia o desenvolvimento das suas *Conversas de Andaime* a *Zona de Desenvolvimento Proximal* proposta por Vigotsky.

De acordo com White (2007), as pessoas procuram os terapeutas quando estão passando por alguma situação difícil em suas vidas, quando é complicado dirigir sozinhas o processo em que se encontram. Em geral, estas pessoas recorrem a soluções utilizadas anteriormente, ou então a soluções conhecidas ou familiares, com a intenção de esforçar-se para mitigar seus problemas. Porém, mesmo assim, elas parecem comprometidas com as ações que guardam uma familiaridade com a sua maneira de entender e comportar-se na vida, bem como com os seus relacionamentos, o que em muitas ocasiões limita o surgimento de novos significados. A brecha entre o que elas já sabem e lhes parece familiar sobre as suas vidas e o que pode ser estabelecido como um novo saber pode ser encarado como uma “Zona de Desenvolvimento Proximal”. Essa área pode ser atravessada junto a companheiros conversacionais (como, por exemplo, um terapeuta, no caso que querer referir-se à psicoterapia), e

tais companheiros devem prover a estrutura de andaime necessária para enxergamos tal brecha. As pessoas devem transitar por esta *Zona de Desenvolvimento Proximal* com a intenção de conseguir encontrar um sentido de agenciamento pessoal.

Através dessas últimas ideias e da necessidade crescente de gerar um sentido de agenciamento pessoal, White (2007) recorre aos termos distância, espaço, andaime, colaboração social, ação responsiva e, como já mencionado, agenciamento pessoal, evocando desta maneira o trabalho do psicólogo russo Lev Vigotsky.

Ainda que as investigações de Vigotsky se referissem ao desenvolvimento da criança (White, 2007), elas alcançam conclusões sobre o aprendizado e o desenvolvimento, o que é relevante em todas as etapas da vida, e também afirma que tais compreensões são importantes para uma prática terapêutica efetiva. O autor afirma que: “A Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) não pode ser atravessada sem o acompanhamento de um companheiro conversacional que ofereça um andaime de suporte ao interessado, para que os seus passos sejam bem dirigidos; no contexto da prática terapêutica, o terapeuta (bem como outros sujeitos recrutados pelo terapeuta) contribuem significativamente ao andaime da ZDP” (White, 2007, p. 275, tradução da autora).

Mantendo a perspectiva pós-moderna, outra expressão prática das ideias pós-modernas, como mencionado anteriormente, é a Terapia Colaborativa, com a qual Harlene Anderson e Harold Goolishian (1988) ofereceram ao mundo da terapia familiar uma nova perspectiva para pensar os sistemas humanos como sistemas de linguagem geradores de significados. Tais sistemas se encontram integrados pelas pessoas que estão partici-

pando de conversas sobre um tema que gere preocupação, tenha certo objetivo ou relevância. A participação nesse tipo de sistema pode ser fluida ou alterada, já que não necessariamente está dominada por papéis sociais ou vínculos familiares, mas depende de quem esteja falando com quem sobre um assunto importante para ambos.

Quanto ao *Diálogo interno* podemos mencionar que a própria conversa acontece na linguagem, e que enquanto conversamos preparamos e formamos, de maneira ativa, as nossas respostas. Isso quer dizer que traduzimos os pensamentos em forma de palavras. Anderson (1997) chama a conversa interior de *diálogo interno*.

Além do diálogo interno e da sua grande importância na compreensão da conversa e da psicoterapia de perspectiva pós-moderna, outro grande elo é o que fala da expansão e expressão do *não dito*. Segundo Anderson (1997), este termo faz alusão aos pensamentos e conversas internas, como também aos pensamentos ainda não formados ou não falados. Sob o prisma da psicoterapia, o *não dito* pode desembocar na criação de novos significados, para que depois possam existir novas descrições, percepções ou maneiras de relatar um acontecimento, um problema e de a pessoa fazer um relato sobre si mesma. Numa sessão terapêutica, o *não dito* é expressado e ao mesmo tempo torna-se consciente através da conversa entre o terapeuta e o consultante, ou também entre os que pertençam ao sistema conversacional neste momento.

É importante deixar claro e mencionar que as terapias pós-modernas, ainda que compartilhem muitas ideias e bases teóricas, também apresentam claras diferenças em sua abordagem terapêutica, mas este artigo não tem como premissa discutir tal assunto.

TECENDO IDEIAS...

Em nosso percurso, percebemos algumas semelhanças entre as ideias propostas por L.S. Vigotsky e as terapias pós-modernas. Certas ideias deixam entrever uma linha direta e explícita de conexão teórica, e outras propostas são parecidas, embora os autores pós-modernos não tenham tomado Vigotsky como referência para realizar suas teorias. Este último dado, sob o meu ponto de vista, gera questionamentos atualmente interessantes para a disciplina da psicologia, pois eu percebi evidências em ideias escritas por autores contemporâneos que, sem conhecer ou sem ter lido profundamente Vigotsky, algumas décadas mais tarde chegaram a conclusões semelhantes, o que nos permite falar numa *espécie de validade concorrente*. Eu utilizo este princípio para estabelecer que dois estudos independentes podem avaliar a mesma conclusão. Ainda que tradicionalmente seja um conceito utilizado em investigação quantitativa, é possível utilizá-lo no nosso contexto. Tal princípio se aplica aos autores pós-modernos revisitados neste artigo, pois eu percebi que distintos autores, por vias diferentes, avalizam o mesmo fenômeno.

Por isso me parece verdadeiramente surpreendente não apenas a maneira como Vigotsky se adiantou ao seu tempo, mas também a forma como autores que não tinham revisado as obras de Vigotsky de maneira exaustiva (e uma das razões principais para isso, como vimos anteriormente, foi o tempo enorme que a sua obra demorou para ir à luz) ainda assim chegaram a conclusões realmente parecidas. É possível dizer que (partindo de uma reflexão da autora) a psicologia caminhava em direção a tais compreensões mas, como acontece em várias teorias e disciplinas, sempre existe algum au-

tor que se adianta às novidades, e tais compreensões são evidenciadas anos mais tarde pelos autores contemporâneos. Neste caso, no meu ponto de vista, L.S. Vigotsky é um autor clássico e o principal representante da leitura da psicologia de um ponto de vista histórico-cultural, e as suas obras são marcantes nas compreensões referentes a essa vertente da psicologia.

Por outro lado, poderíamos dizer que Vigotsky foi um dos primeiros pensadores pós-modernos, e que estava anos luz à frente da sua época. Se ainda hoje muitas das práticas pós-modernas são criticadas por sua aparente petulância, as ideias de Vigotsky, em seu contexto histórico, eram muito mais que petulantes, pois dentro da psicologia concebiam-se a conformação do indivíduo afastado do seu contexto, sem estar nutrido nem influenciado por si mesmo.

Continuando com a ideia de compreensão da linguagem, podemos encontrar uma interessante conexão na proposta vigotskiana, na qual a linguagem é uma das principais ferramentas para a construção socializada da realidade do indivíduo, que traz em si mesmo a cultura implícita nele. Por isso, num sentido terapêutico, a utilidade desta compreensão transforma-se em algo realmente potencializador pois, quando escutamos um indivíduo, de alguma forma estamos escutando o seu contexto falar, e também a expressão das ideias e crenças que nele vivem, e que nunca descansam, mas continuam vivas.

Por um lado, temos a intenção da Terapia Narrativa de geração de novas histórias que deveriam tomar o lugar das histórias dominantes que levam o sujeito a compreender a própria realidade usando uma lente que limita a narração sobre si mesmo. É através da conversa terapêutica que o cliente, em conjunto com o terapeuta, pode dar

corpo à uma (nova) história, gerando novos significados e descrições que lhe permitam viver uma história mais cômoda para conviver.

Por outro lado, temos as vozes ainda não escutadas, ou o *não dito* proposto Harlene Anderson, onde a intenção é que, por meio da conversa, seja possível alcançar as vozes do cliente ainda não escutadas por ele mesmo, e estas novas vozes permitem a criação de novos significados e descrições.

O interessante desta conexão entre a dimensão da linguagem outorgada por Vigotsky e o fato dela poder ser enxergada na psicoterapia é que, do meu ponto de vista, Vigotsky não menciona em sua obra o termo terapia, muito menos poderíamos afirmar que a sua intenção fosse incursionar neste campo, completamente virgem no contexto sócio-histórico que ele viveu. No entanto, é muito interessante ver como os autores contemporâneos foram capazes de extrair tais compreensões que, ao parecer, encontravam-se num plano muito teórico e de reflexão, e conseguiu-se, através dessas ideias, criar um modelo terapêutico que tem como finalidade (como qualquer outro tipo de terapia) gerar bem-estar na sociedade.

Eu não posso afirmar que uma das intenções de Vigotsky com a sua pesquisa e contribuições tenha sido gerar bem-estar social. Porém, conhecendo a sua história de vida, bem como os seus interesses, e o fato de ter me aproximado um pouco mais da maneira como ele compreendia a psicologia, abordava a vida e entendia a importância da existência do outro, eu posso inferir que, em algum ponto da sua intenção profissional e pessoal, ele nutria a certeza de que a melhor maneira de desenvolver-se e gerar bem-estar social era através da construção de relações, pois um indivíduo por si só não poderia construir-se como tal, pois não ha-

veria linguagem e, por tanto, não haveria evidência de consciência.

Quanto à consciência, e seguindo a ideia expressada no parágrafo anterior, o momento no qual a experiência é encarnada na linguagem é quando o vivido torna-se consciente, é num plano paralelo à expressão da palavra, onde ela adquire sentido, quando a realidade é narrada por meio de palavras. Como indivíduo, não é possível apropriar-se do pensamento que está sendo processado até que ele seja aterrissado em palavras. Antes disso, trata-se de uma vivência da mente que não podemos concretizar por inteiro. Ainda assim, a compreensão da consciência estabelece uma pauta definitiva na compreensão das ideias vigotskianas, sobretudo na maneira como é abordada a noção de psicoterapia. Pois, se pensamos que a consciência ganha vida quando o pensamento é traduzido em palavras, poderíamos pensar que a consciência se encontra na linguagem, e desta maneira tornamos conscientes os pensamentos quando temos a oportunidade de escutá-los, e para poder fazer isso necessitamos outra pessoa. Essa noção de consciência transforma o espaço terapêutico num ir e vir de ideias, reflexões e conversas que permitem ao consultante escutar-se de maneiras distintas e também que a sua realidade interna seja criada através da linguagem. Com tudo isso, pode-se concluir que, quando o indivíduo, ou melhor dito, o cliente, entra no espaço terapêutico e narra a própria realidade de maneira distinta ele viverá uma realidade diferente, embora esta explicação esteja sendo feita de maneira muito superficial.

Vigotsky, em “Pensamento e Linguagem” (1988), afirma que o pensamento não se expressa na palavra, mas nela culmina. Isto quer dizer que a consciência encontra-se na linguagem, e Harold Goolishian diz o mesmo na

frase que mais o caracteriza: “Nós nunca sabemos o que pensamos até o momento em que dizemos” (Anderson, 2005, p. 4, tradução da autora)*. É clara a semelhança de intenções que os dois autores expressam em suas frases.

Por outro lado, continuando com a ideia de *linguagem interiorizada ou interna* de Vigotsky, ele afirma que o diálogo interno tem uma natureza comunicativa. Mesmo que a sua finalidade não seja comunicar algo a um interlocutor externo, a intenção é o diálogo consigo mesmo, já que é esta linguagem interna que nos permite fazer uma narração sobre nós mesmos e refletir sobre as coisas que vivemos cotidianamente. Tal compreensão abre a nós, profissionais, uma porta, na minha opinião, que realmente gera possibilidades, pois a intenção do patamar terapêutico colaborativo é poder exteriorizar o *diálogo interno* do cliente com as reflexões, que uma vez traduzidas em intenção comunicativa podem formar parte de uma conversa, e que esta conversa, por sua vez, gere novas possibilidades em conjunto com o terapeuta. Por outro lado, a intenção da ênfase no diálogo interno é que, uma vez concluída a sessão terapêutica, o cliente ganhe novas vertentes de prováveis diálogos internos que lhe permitam abrir ainda mais possibilidades que os diálogos originais, com os quais chegou à sua primeira sessão, permitindo que a reflexão ocorra de forma que não seja necessário que o terapeuta esteja presente constantemente para que, nesta pessoa, emergja a reflexão, já que, em sua finalidade, as ideias que são utilizadas para gerar a conversa têm a ver com o conteúdo do cliente.

Por último, como vimos anteriormente, a *Zona de Desenvolvimento Proximal* é a base teórica das *conversas de andaime* de White (2007), onde a intenção como terapeuta é atuar como

* Extraído de Tarragona, 2006.

facilitador social para que, por meio de tais conversas, seja possível balizar o cliente no espaço existente na *zona* em que ele deve se desenvolver.

Neste sentido, White (2007) extrai a intenção de Vigotsky, que, na sua época, foi uma proposta educativa, onde a criança e o educador se encontravam imersos num processo dialético no qual o educador funcionava como um agente social que balizava o desenvolvimento da criança no seu caminhar por uma *zona* na qual ela teria capacidade potencial para se desenvolver, embora nunca tivesse nela transitado. O mesmo acontece na terapia e nas *conversas de andaime*, onde o conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal* é retomado para determinar o espaço de abordagem no qual o cliente é capaz de transitar, embora, mesmo com potencial para fazê-lo, ainda não o tenha feito. De acordo com essa proposta, a maneira como poderá atravessá-la é por meio de um mediador social, e é desta forma que o terapeuta se transforma em mediador, acompanhante ou facilitador social.

Como mencionado no princípio, a intenção deste artigo é evidenciar algumas conexões teóricas do pensamento vigotskiano com o pensamento pós-moderno e seu patamar psicoterapêutico. No entanto, entre as possíveis conexões futuras deste trabalho poderia estar sua articulação teórica com o construcionismo social. Ou seja, como se entende a noção da linguagem no construcionismo social, e como tal compreensão aproxima ainda mais a perspectiva vigotskiana das terapias pós-modernas, já que um dos marcos teóricos que nutrem tais terapias, especificamente a terapia narrativa e a colaborativa, é o socioconstrucionista. Por outro lado, eu considero realmente interessante poder compreender e utilizar a ideia de Zona de Desenvolvi-

mento Proximal num contexto social, como o papel do mediador social se veria modificado, quais seriam as variantes modificadas no conceito e como poderia ser observado o avanço de uma comunidade, povoação ou contexto social.

POSSÍVEIS CONEXÕES FUTURAS

Sobre o presente artigo é pertinente esclarecer que certas dimensões e ideias que se encontram no âmbito pós-moderno, e que abordamos anteriormente, não foram utilizadas para este escrito. Esta aclaração tem a ver com a celeridade da escrita do artigo, mas eu considero importante mencionar a relevância do movimento socioconstrucionista, bem como das ideias que ele propõe com respeito à linguagem, à palavra e à maneira como ela influencia e é influenciada pela interação humana, e também a maneira como impacta a forma como vivemos e compartilhamos a realidade, além da importância destas ideias na maneira como informa a psicoterapia pós-moderna, já que a dimensão socioconstrucionista é a que, em grande parte, abraça tal prática. Aliás, a teoria que melhor articula e vincula as duas dimensões propostas neste artigo, que por um lado expõe a perspectiva vigotskiana e por outro as terapias pós-modernas, é definitivamente o construcionismo social, e eu pretendo, num futuro próximo, poder desenvolvê-lo em conjunto com as dimensões abordadas no presente escrito.

REFERÊNCIAS

Andersen, T. (1990). *The reflecting team: dialogues and dialogues about dialogues*. Nova York: Norton.

- Anderson, H.** (1997). *Conversación, lenguaje y posibilidades*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Anderson, H. & Goolishian, H.** (1988). *Human Systems as Linguistic Systems. Family Process*, 27, 371-393.
- Bruner, J.** (1985). *Vygotsky: An Historical and Conceptual Perspective. Culture, Communication, and Cognition*: Londres: Cambridge University Press.
- Bruner, J** em **Vigotsky, L.** (1998). *Pensamiento y palabra*. Buenos Aires: Paidós.
- Lispector, C.** (2000). *La pasión según G.H.* Barcelona: Munchnik Editores.
- Novoa, M.** (2010). Aula da professora Marlene Novoa, na faculdade de psicologia da Universidade Javeriana de Bogotá.
- Tarragona, M.** (2006). Las terapias pós-modernas: una breve introducción a la terapia colaborativa, la terapia narrativa e la terapia centrada en soluciones. *Psicología Conductual*, 14, 3, 511-532.
- Temporetti, F.** (1998). Introducción In: L. Vigotsky. *Pensamiento y palabra*. Buenos Aires: Paidós.
- Vigotsky, L.S.** (1982). *Pensamiento y lenguaje*. Havana: Pueblo y Educación.
- Vigotsky, L.S.** (1982). *Pensamiento y palabra*. Buenos Aires: Paidós.
- Wertsch, J.** (1988). *Vygotsky y la formación social de la mente*. Barcelona: Paidós.
- White, M.** (2007). *Maps of narrative practices*. Nova York: Norton.
- White, M & Epston, D.** (1993). *Medios narrativos para fines terapêuticos*. Buenos Aires: Paidós.